



## A IDEALIZAÇÃO AMOROSA EM JÓ JOAQUIM

Daysa Rêgo de Lima<sup>1</sup>

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN*

daysarego@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo refletir acerca da idealização amorosa, na literatura, especificamente no conto “Desenredo”, integrante do livro **Tutaméia: terceiras estórias** (1967), de João Guimarães Rosa, escritor mineiro, conhecido por grande parte da fortuna crítica como um autor regional, engenhoso e dono de literatura que ultrapassa gerações, apresentando, de forma frequente, em suas obras os valores universais, a saber: o mito, o amor, a morte. A partir desse viés, nosso estudo envereda-se na idealização amorosa em que buscaremos compreendê-la a partir do personagem Jó Joaquim que idealiza sua amada Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria e nutre um amor virtuoso por ela, que o faz desconstruir as falhas e culpas da mulher infiel, perdendo-a para viverem felizes para sempre. Para tanto, esse fazer teórico será pautado nos estudos de Platão (2003); Capelão (2000); Schoepflin (2004); Barthes (2003); Stendhal (2007), dentre outros, que versam sobre o discurso amoroso no contexto literário, para fundamentar nosso trabalho. Esperamos com essa pesquisa contribuir com os estudos da idealização amorosa na literatura, e também com a área de Literatura Brasileira, em especial para os estudos rosianos.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Guimarães Rosa, Conto, Idealização, Amor.

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Místico e detentor de uma grande genialidade, João Guimarães Rosa apresenta em sua literatura os valores universais, com sujeitos típicos do sertão, evocando sua cultura, história e linguagem. Assim, a temática do amor perpassa todo o conjunto de sua obra, desde seus contos, até seu único e renomado romance **Grande sertão: veredas**, essa “onde aparece entrelaçado com o problema da existência do Demônio e da natureza do Mal, atinge extrema complexidade e envolve diversos aspectos que compõem toda uma ideia erótica da vida” (NUNES, 1969, p. 143).

Em **Tutaméia: terceiras estórias** (1967), verificamos vários contos que abarcam o tema do amor como uma categoria analítica central, a saber: “Reminiscção”, “Ripuária”, “João Porém, o criador de perus”, “Curtamão” e o conto eleito “Desenredo”. Esse livro contempla quarenta contos, ambos com narrativas curtas que, desenvolvem-se em torno de uma unidade temática e contém um número reduzido de personagens. Compõe-se de quatro prefácios, “Aletria e hermenêutica”, “Hipotrérico”, “Nós, os temulentos” e “Sôbre a escova e a dúvida” estes que tem por finalidade compor “[...]”

uma profissão de fé e uma arte poética em que o escritor, através de rodeios, voltas e perífrases, por meio de alegorias e parábolas, analisa o seu gênero, o seu instrumento de expressão, a natureza da sua inspiração, a finalidade da sua arte, de toda arte” (RÓNAI, 1991, p. 529). Sendo o último livro lançado pelo autor, publicado poucos meses antes de sua morte.

Mediante isso, existe muitas as pesquisas realizadas sobre o escritor mineiro, desenvolvidas sob diversas perspectivas. Isso tem nos direcionado a analisar a idealização amorosa em que buscaremos compreendê-la no referido conto, a partir do personagem Jó Joaquim “enganado duas vezes, um apaixonado prefere perdoar à amada e, para depois viverem felizes, reabilita a fugitiva com paciente labor junto aos vizinhos” (RÓNAI, 1991, p. 534). É conveniente destacar que, apesar de existirem muitos estudos sobre as obras do autor, conforme destacamos anteriormente, as inquietações da nossa pesquisa resultam dos poucos trabalhos direcionadas exclusivamente a temática amorosa, sobretudo, na obra **Tutaméia: terceiras estórias**, visto que esse tema se



direciona, costumeiramente, ao romance

### **Grande sertão: veredas.**

Para tanto, recorreremos aos estudos empreendidos por Platão (2003); Capelão (2000); Schoepflin (2004); Barthes (2003), dentre outros que tratam sobre o discurso amoroso e a idealização do amor no texto literário, em especial na narrativa rosiana. Por tudo isso, esperamos que esse estudo/análise, possa contribuir com o processo ensino/aprendizagem de língua materna de rede básica, mais especificamente do Ensino Médio, no trabalho com a literatura brasileira, além de um incentivo a leitura e produção literária.

### **O discurso amoroso: conceitos teóricos**

O amor é uma forma de manifestação de doação em que a pessoa se doa incondicionalmente (mas ainda de forma parcial) àquilo que ama, seja outra pessoa, coisas materiais, entidades divinas, entre outros. Por conta disso, trata-se de um sentimento que nos transforma de uma forma tão misteriosa que chega a ser “fogo” que consome e que embora arda, não se vê, como já disse o poeta, afinal, o preço que se paga por amar, muitas das vezes, se não todas, se quer é perceptível, pelo menos enquanto se ama. No tocante ao assunto, a ideia de amor platônico reside no fato de que a

incondicionalidade ora citada, torna-se plena e não mais parcial. Isso está além de um sentimento sadio, bondoso, haja vista que aquele que ama idealiza o ser amado, e esquece até de si no momento de amar o “outro” (polissêmico).

Nesse viés, é pertinente mencionar Platão (427-347 a.c) que em seus estudos tratou do amor (Eros), este que está entre a sabedoria e a ignorância “O que adquire escapa-lhe sem cessar, de maneira que nunca se encontra, nem na pobreza, nem na opulência” (PLATÃO, 2003, p. 90-91). Filho de Poros e Pénia, Eros desenvolveu o gosto do belo e do bem a partir do pai, e da mãe herdou a pobreza e indigência “Eros tornou-se o companheiro e o escudeiro de Afrodite, porque foi concebido no mesmo dia do nascimento da deusa e, também porque Eros é, por natureza amante do belo e Afrodite é bela” (PLATÃO, 2003, p. 90).

No tocante a temática amorosa, verificamos que tudo começa com os gregos, uma vez que o primeiro debate do amor é em **O Banquete**, de Platão, com um grupo de homens – de profissões diferentes – reunidos em uma espécie de festa em que todos discursam buscando explicar e compreender o amor e o seu domínio com relação a nós. Para Platão (2003) o amor é proveniente da ausência, da carência, do que nos falta, ele incita uma busca pela verdade e pela



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

felicidade, através do belo e do bom. Assim, é inerente ao homem, sobretudo, por referir-se a essa busca como meio de inteirar-se e completar-se, esse tido como intangível, impalpável, uma espécie de apreciação do ser amado, levando-o a idealização, ao amor platônico que se refere a,

uma ponte entre o universo sensível e o universo puramente inteligível, entre o corpóreo e o espiritual, entre o relativo e o absoluto, entre o contingente e o necessário, entre o particular e o universal. Neste contexto a contribuição trazida pelo Eros vai se juntar àquela mais especificamente racional trazida pelo saber e pela ciência, que, não detendo-se nos dados oferecidos pelos sentidos, impelem o ser humano em direção à Verdade.  
(SCHOEPFLIN, 2004, p.13)

O amor platônico é um dos sentimentos mais enigmáticos e abstratos experienciado pelo ser humano, pois ele se motiva na virtude. Daí um amor essencialmente virtuoso, cuja valoração culmina na busca de um ser ideal, concretizado pela imaginação. O ser humano procura o amor como forma de completar o vazio que sente. A incompletude é que move

e instiga o sujeito na busca do amor, e este quando é encontrado é sempre retribuído incompleto, quem ama deseja algo que não possui. Platão (2003) afirma que o amor é a busca pelo o que é belo, ama-se a beleza, que está tanto exterior como interior, através do diálogo entre Sócrates e Diotima, a sacerdotisa “dita a Platão a concepção ideal, idealizada, e neste sentido ‘platônica’, do amor” (KRISTEVA, 1988, p. 93), Sobre Eros Kristeva nos apresenta que “Diotima em *O banquete* mostrava-se muito mais segundo a *relação de objeto idealizado* que ele pressupõe” (1988, p. 93, *grifos do autor*).

À alma platônica alada, sucederá a alma plotiniana com seu espelho narcísico. Esta mini-revolução nos legará uma nova concepção do amor: amor centrado no em si, embora aspirado para o Outro ideal. Este será um amor que magnifica o indivíduo, como reflexo do outro inacessível que amo e que me faz ser. (KRISTEVA, 1988, p. 82)

A perspectiva do amor platônico está direcionada ao amor puro e virtuoso, sobre um itinerário mais próximo à perfeição. Desse modo, o amor cortês, sobretudo, na perspectiva de Capelão (2000), tem como função levar o homem ao aprimoramento, de



modo a tornar-se melhor no sentido moral em virtude do amor, já que ele contempla a humildade, bondade, medida, dentre outras virtuosidades. Ele ainda relaciona-se ao amor platônico, pela exaltação, nesse caso, a mulher amada, um amor desinteressadamente, em que o amante torna-se submisso, inspirando a lírica provençal, de modo a assegurar a decência e pudor da amada.

O verdadeiro amor cresce diante dos obstáculos: 'Acima de tudo, dizem que o amor aumenta quando os amantes só podem ver-se raramente e à custa de grandes dificuldades; isto porque o desejo e a paixão serão mais fortes quanto maiores forem os obstáculos que os impeçam de trocar penhores de amor'. Amor é, pois, feito da tensão perpétua, do desejo sempre exacerbado que é fonte de aperfeiçoamento. É o que cantam os trovadores: 'A separação, a ausência da senhora, a recompensa que se faz esperar: essa é a atmosfera em que se desenvolve esse sofrimento delicioso. A separação torna mais intenso o desejo amoroso e o eleva. (CAPELÃO, 2000, p. XL-XLI)

Ele defende que o amor tem como função tornar o homem bom, induzindo-o a

pureza e ao primor, ao passo que o torna mais ameno, permitindo apreciar o belo e “embora a união carnal seja o objetivo do amor, [...] sua realização não é necessária” (CAPELÃO, 2000, p. XLVII). Ovídio (2006) compreende-o como um sentimento que requer a posse, o desejo físico, a necessidade do ser amado, num sentido oculto, secreto.

Stendhal (2007) vai tratar que “o amor entre duas pessoas que amam, nunca é o mesmo” (2007, p. 91), verificamos isso no conto “Desenredo”, com o sofrimento do protagonista pela sua amada, assim corroborando com mais uma concepção do autor, no que confere ao “tédio do amor virtuoso” (2007, p. 91), como se o amor bom, fosse o clandestino, uma vez que por mais honesto, íntegro, que ele possa ser, nem sempre parece satisfazer o ser amado. O autor apresenta ainda a “Cristalização do amor” quando há uma idealização do ser amado, um estado de perfeição incondicional, em que o sujeito imagina e cristaliza o ser amado. A cristalização confere a um dos estágios do amor, na concepção do autor, em que se produz uma série de qualidades que enobrece, aprimora, idealiza o ser amado quase alcançando o ápice da perfeição, um endeusamento consolidado pela imaginação.

Para Barthes a sedução faz parte de um fragmento presente no discurso amoroso, “[...] o sujeito amoroso é ‘seduzido’



(capturado e encantado) pela imagem do objeto amado (nome popular: *amor à primeira vista*; nome científico: *enamoramento*)” (BARTHES, 2003, p. 49). Essa sedução vai estar presente na narrativa, momento em que Jó Joaquim conhece sua amada “Sorriram-se, viram-se. [...] Jó Joaquim pegou o amor”.

Frente ao exposto, observamos muitas concepções que norteiam o discurso amoroso, daí verifica-se que a busca do amor sempre instigará o homem, visto que mesmo permitindo o contemplamento do belo, ele é um sentimento, essencialmente, efêmero “num só dia, tão depressa se encontra pleno de vigor e belo, vivendo na abundância, como tão depressa morre” (PLATÃO, 2003, p. 90). Nesse caso, é composto por um paradoxo, pois assim como pode levar a felicidade e ao prazer, pode concomitantemente, levar ao sofrimento e a ruína.

### **A idealização amorosa**

O narrador inicia a narrativa como se estivesse contando oralmente a estória, e apresenta o personagem Jó Joaquim, que era um homem bom “– cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA, 1979, p. 38), e logo se apaixona por uma mulher casada e adúltera. Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria é bonita, atraente

e sedutora, e a indefinição do seu nome já propõe uma imprecisão de sua identidade, uma mulher de vários nomes – que se voltam a um anagrama – e também de vários homens, “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás casada” (ROSA, 1979, p. 38). A metáfora na descrição do seu olhar, já sugere a aguçada percepção, característica de quem é atento a toda e qualquer ação no espaço onde está.

Dáí “Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia a que nesta observação, a Jó Joaquim apareceu. [...] Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor” (ROSA, 1979, p. 38). Os personagens logo no início da narrativa se apaixonam, no mês mais propício ao amor, maio o quinto mês do calendário gregoriano, sua etimologia descende da mitologia da Deusa Maia significando fecundidade. Um mês repleto de momentos inesquecíveis na vida de uma mulher, por referenciar: as noivas, as mães e a Maria – mãe de Jesus segundo a Igreja Católica –, assim um mês essencialmente feminino.

Ele foi movido pelo amor e não se importou com o que a sociedade poderia pensar, julgar e se deixou levar pela paixão “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento” (ROSA, 1979, p. 38), a inocência de Jó Joaquim permite que ele e seu amor vagueiem, como uma garrafa jogada ao



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mar, como o primeiro vôo de um pássaro que não exige destino, só o contentamento.

Porém, o marido a surpreende com um amante e mata-o. Jó Joaquim ao saber do caso entre em tremenda desilusão, pois não sabia ele que além do marido ela possuía outro, “imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos” (ROSA, 1979, p. 38), atordoado, chocado e apaixonado “Jó Joaquim, derrubadamente surpreso [...] e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios [...] devolvido ao barro” (ROSA, 1979, p. 38), a forte intertextualidade bíblica no conto nos faz perceber, que pelo sofrimento do personagem que até então vivia feliz, depois da traição, passa a estar na infelicidade, caído, rebaixado, no livro do Gênesis apresenta que no sexto dia da criação Deus utiliza o barro para criar o homem, nesse caso quando o personagem é “devolvido ao barro”, é como se ele retornasse a sua origem, essência, ao nada.

Desiludido, Jó Joaquim afasta-se dela, todavia, sem demorar o marido morre, e ele enche-se de esperança e casa-se com Livíria/Rivília/Irlívia. Agora eles viveriam em plena harmonia, sem interrupções, sem contratempos, só felicidade. Porém, Jó é surpreendido pela traição da recém-esposa e sem aguentar tamanha decepção expulsa-a de casa, “triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como

formiguinhas brancas” (Rosa, 1979, p. 39). Em meio aos devaneios e desencantos desse sentimento, sempre um apaixonado sofre mais, nesse caso, Jó Joaquim. Ele passou a viver em seu “Franciscanato dolorido”, em uma espécie de penitência, sofrendo de amor, até que decide mudar, perdoa sua amada e idealiza-a, afinal “De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria os arquétipos, platonizava” (ROSA, 1979, p. 39), Livíria/Rivília/Irlívia seria inocentada, perdoada e retornaria ao lar e a vida de Jó Joaquim com um novo nome, seria outra, uma ideal.

Verificamos mais uma relação com o discurso bíblico, dessa vez com o nome do protagonista da história – Jó Joaquim – com o personagem bíblico Jó, uma vez que ambos tinham bom caráter, “[...] era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA, 1979, p. 38), “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (Jó, 1:8), e experienciaram o sofrimento, mas permaneceram pacientes, perseverantes e munidos de fé enfrentaram as adversidades e restauraram suas vidas.

Jó Joaquim desconstrói as devassidões da sua amada, adulterando, desenredando a sua história e constrói uma nova verdade sobre ela, “todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos”



(ROSA, 1979, p. 40). Ela regressa ao lar, agora com nova conduta e identidade, chamava-se: Vilíria “soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou com dengos e fofos de bandeira ao vento” (ROSA, 1979, p. 40). Embora trouxesse um novo nome, esse ainda carregava certa suspeita, uma vez que as primeiras sílabas “Vil” remetem a uma mulher VIL, LeViana, VILã, VICiosa. Embora, as últimas sílabas referente à “Líria” estejam supostamente relacionadas ao lírio, a pureza e castidade.

O personagem nutre um amor virtuoso por Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria, que o faz desconstruir as falhas e culpas da mulher infiel, perdendo-a para viverem felizes para sempre. Frente ao exposto, verificamos que o amor de Jó por Livíria “Tudo desculpa, tudo crê, *tudo espera*, tudo suporta”. (1 Cor, 13:7, *grifos nossos*), apesar do sofrimento sustentado, de toda esperança investida e da paciência mantida, o amor dele se sustentou ao ponto de esquecer e perdoar, porque o amor é nobre, “é paciente, o amor é prestativo” (1 Cor, 13:4). Assim, Jó Joaquim a princípio era o protagonista da estória, mas a partir da traição da esposa passa a ser um personagem secundário, que só após a reconciliação volta a assumir seu papel, passando a ser feliz, recriando uma nova história entre eles, legitimando em ata, como documento, “e pôs-se a fábula em ata”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Eros era um meio-termo entre o terrestre e o divino, ele tinha um certo poder para influenciar a felicidade dos homens. Esse amor apresentado por Platão vai tratar do amor virtuoso, que é o que Jó Joaquim sente, que na narrativa desenvolve uma total idealização pela sua amada Livíria, Rivília ou Irlívia, “Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se” (ROSA, 1979, p. 39). Observamos a comicidade do texto, pois o amor do marido fez com que ele esquecesse os vacilos da amada, assim, vemos quão ridículo é o amor do outro.

Mediante isso, inferimos que a temática da idealização amorosa perpassa o conto analisado, com base no personagem Jó Joaquim, que nutre um amor virtuoso por sua amada, ao ponto de esquecer as traições da mulher e inocentá-la, imaginá-la como “pura e sem culpa”. A separação conforme já tratava Capelão veio intensificar o amor, o ideal de Jó Joaquim, elevando-o ao ápice da paixão, a ponto de reescrever a sua nova história amorosa, desconsiderando os equívocos cometidos pela amada no passado.

Esperamos com essa pesquisa contribuir para os estudos literários, mais especificamente, os estudos de Guimarães





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Rosa e ainda, os estudos sobre a idealização amorosa na literatura, como forma de retomar e aclarar as pesquisas desenvolvidas até o momento.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. de. Trad. **A Bíblia Sagrada: Velho Testamento e Novo Testamento** (revista e atualizada no Brasil). São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 10. ed. Trad. H. dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

CAPELÃO, A. **Tratado do Amor Cortês**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, M. E. T. **Poesia e Prosa Medievais**. Seleção, introdução e notas. Lisboa: Ulisséia, s/d.

KRISTEVA, J. **Histórias de amor**. Trad. e intr. de L. T. da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: **O dorso do tigre**. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 143-171.

OVÍDIO. **A arte de amar**. Trad. Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PLATÃO. **O Banquete: o simpósio ou do amor**. 3. ed., Trad., introdução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 2003.

RÓNAI, P. (org.) **Guimarães Rosa**. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Pró Memória/ INL, 1991. (Fortuna Crítica, 6) p. 527-535.

ROSA, J. G. Desenredo. In: **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 38-40.

SCHOEPFLIN, M. **O amor segundo os filósofos**. Tradução de ANGONESE, A. São Paulo: Edusc, 2004.

STENDHAL. **Do amor**. Trad. de Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2007.